

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção**  
Campus Santana

**CELEBRAÇÃO DA PALAVRA COMO FONTE DE COMUNHÃO**

Claudio Bernardo da Silva

Orientador:  
Professor Marcio Leitão

**São Paulo**  
**2014**

**Claudio Bernardo da Silva**

## **CELEBRAÇÃO DA PALAVRA COMO FONTE DE COMUNHÃO**

Trabalho de conclusão do curso de Teologia da Pontifícia Universidade de São Paulo, Faculdade Nossa Senhora da Assunção. Para orientação do professor Marcio Leitão.

**São Paulo**

**2014**

**Claudio Bernardo da Silva**

## **CELEBRAÇÃO DA PALAVRA COMO FONTE DE COMUNHÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em Teologia sob a orientação do Professor Márcio Leitão.

Nota: \_\_\_\_\_

(  ) Aprovado

(  ) Reprovado

Orientador: Prof. Márcio Leitão

\_\_\_\_\_

assinatura

Data (de aprovação): \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 2014.

## **CELEBRAÇÃO DA PALAVRA COMO FONTE DE COMUNHÃO**

A Liturgia da Palavra sempre foi e será “Fonte de Comunhão”. O Povo de Deus se reúne em torno da Palavra desde o Antigo Testamento, celebra nesses encontros a aliança com Deus. Em nossas liturgias atuais, as Celebrações da Palavra de Deus têm adquirido maior relevância em relação ao século passado tanto pelo estímulo que a Igreja recebe de seus pastores para se aproximar da Palavra de Deus, como também pela escassez de presbíteros para entender as necessidades quanto à Celebração da Eucaristia.

A mesa da Palavra é o Caminho que nos conduz ao encontro de Cristo. Diversas iniciativas vêm acontecendo para organizar melhor este serviço a partir dos ministérios dos leigos, que cada vez mais se fazem presentes na vida da Igreja. Este trabalho apresentará minha humilde experiência como Ministro da Palavra na Arquidiocese de São Paulo na Região Lapa.

**Palavras chave:** Palavra, Comunhão, Aliança, Comunidade reunida.

## **ABSTRACT**

### **CELEBRATION OF THE WORD AS A SOURCE OF COMMUNION**

*The Liturgy of the Word always was and will be "Source of Communion". The People of God gather around the Word in the Old Testament, these meetings celebrates the alliance with God. In our current liturgies, Celebrations of the Word of God has acquired greater relevance in relation to the past century, both the stimulus that the Church receives from its pastors to approach the Word of God, and by the shortage of priests to understand the needs as the celebration of the Eucharist.*

*A table of the Word is the Way that leads us to meet Christ. Several initiatives have been taking place to better organize this service starting from the ministries of the laity, who increasingly are present in the Church. This text will present my humble experience as a Minister of the Word in the Archdiocese of St. Paul in the Lapa region.*

**Keywords:** *Word, Communion, Alliance, Community gathered.*

Disse, então, aos seus discípulos: “A messe é grande, mas os operários são poucos. Pedi, pois, ao Senhor da messe que envie operários para messe” (Mt 9, 37-38).

### *Agradeço*

*A Deus que me colocou neste caminho de amor pela Teologia.  
A minha família que sempre me incentivou e andou junto  
comigo nos meus passos lentos mais gratificantes.*

*A minha esposa e minhas filhas pela compreensão do meu dia  
a dia, nos passeios adiados, mas compensado com o carinho  
de sempre, o de uma verdadeira família em busca do bem  
comum que é a felicidade.*

*A força e a paciência dos meus párocos, que sempre estiveram  
comigo nas horas que mais precisei, passando a energia  
positiva que me alimentava nos estudos.*

*Aos meus colegas, que foram verdadeiros irmãos na hora da  
partilha.*

*Aos meus professores pela paciência e pela mensagem  
passada, a qual me fez adquirir experiência para seguir o  
caminho traçado por Deus.*

*E, em especial, e com saudades, à minha mãe, que me deu a  
coragem tirada de si mesma pelo verdadeiro amor de mãe e  
vontade de estar sempre perto da Igreja, e pela sua missão de  
fazer seus filhos sempre felizes e amados.*

*E ao meu Pai, pela sua honestidade e o prazer de trabalhar  
sempre em comunidade visando sempre ajudar ao próximo  
sem pensar em si ou em tirar vantagem, ele sempre ajudou as  
pessoas sem saber a quem estava ajudando, apenas pelo  
amor ao próximo.*

## **ABREVIATURAS E SIGLAS**

AT - Antigo Testamento

BJ - Bíblia de Jerusalém

CELAM - Conselho Episcopal Latino-Americano

CIC - Catecismo da Igreja Católica

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

GS - Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje, Gaudium et Spes

LG - Constituição Dogmática sobre a Igreja, Lumen Gentium

NV - Novo Testamento

PO - Decreto sobre o ministério e a vida dos presbíteros, Presbyterorum Ordinis

SC - Constituição Sacrosanctum Concilium

## SUMÁRIO

Introdução.....	7
Capítulo I .....	9
A Celebração da palavra do povo de Deus na Bíblia .....	9
1.1 Antigo Testamento .....	9
1.1.1 O grande Dia das Expições (Lv 16,33-34).....	10
1.1.2 O Decálogo – Moisés convoca todos os israelitas (Dt 5,1-22).....	12
1.1.3 Vocação de Neemias: sua missão em Judá.....	13
1.1.4 Só há um Deus (Is 44, 6-8) .....	14
1.1.5 A celebração da antiga aliança .....	14
1.2 Novo Testamento.....	15
1.2.1 A Celebração da Nova Aliança na Igreja.....	16
1.2.2 A Experiência de Emaús.....	17
Capítulo II .....	20
Celebração da Palavra de Deus na Liturgia .....	20
2.1 Sinais entre Deus, e o Homem, seu Povo e a Aliança.....	20
2.2 Liturgia da Palavra e linguagem litúrgica .....	21
2.3 A Celebração da Palavra de Deus viva na Liturgia.....	22
2.4 O homem faz sua, a Palavra de Deus .....	24
2.5 O conteúdo da celebração pelo Povo de Deus.....	25
2.6 Teologia da Celebração .....	26
Capítulo III .....	27
Celebração do povo de Deus no Magistério .....	27
3.1 O Magistério da Igreja na sua função de ensinar .....	27
3.2 Pio IV Concílio de Trento.....	28
3.3 Pio IX: Encíclica “Qui Pluribus”.....	29
3.4 Paulo VI: Concílio Vaticano II: 3ª sessão.....	30
3.5 Novas Orientações Institucionais .....	32
3.6 Os Atores da Celebração da Palavra .....	40
Capítulo IV.....	43
Documentos do CELAM .....	43
4.1 Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano no Rio de Janeiro (1955) .....	44



4.2	Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín, Colômbia (1968)	45
4.3	Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Puebla, México (1979)	48
4.4	Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe em Santo Domingo, República Dominicana (1992)	50
4.5	Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe em Aparecida (2007)	51
	ANEXO: BREVISSIMA APRESENTAÇÃO DO MINISTRO DA PALAVRA NA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO	54
	Conclusão	56
	Referências Bibliográficas	58

## INTRODUÇÃO

Desde quando temos a Celebração da Palavra, em nossas comunidades ela é uma realidade e uma necessidade para o povo de Deus.

Este trabalho pretende aprofundar com essa reflexão a importância da Celebração da Palavra de Deus na vida das comunidades como fonte de comunhão.

Em decorrência à leitura feita sobre o documento da CNBB em especial o 52<sup>1</sup>, no qual a introdução nos relata que há alguns anos a Linha 4 (Dimensão Litúrgica da CNBB) onde Dom Clemente José Carlos Isnard, Bispo responsável vem trabalhando o importante tema das Celebrações Dominicais da Palavra de Deus, pode se observar que uma pesquisa realizada nos anos de 1989-1990, respondida por 159 dioceses, num percentual de 65% sobre o total, revelou que esta é uma das formas celebrativas mais frequentes, e aproximadamente 70% das comunidades reúnem-se para celebrar os mistérios da fé ao redor da Palavra de Deus, fazendo uma breve memória da importância das celebrações do Povo de Deus no Antigo e no Novo Testamento.

O Livro de Levítico (Lv 8,3-13) nos fala da reunião das tendas; e Moisés fez como o Senhor lhe ordenou, e toda a comunidade se reuniu à entrada da Tenda da Reunião. Disse Moisés: “Eis o que o Senhor ordenou”. Em Atos dos Apóstolos (At. 2, 42-47) também se vê a reunião da comunidade cristã, a dos Apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e as orações.

---

<sup>1</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Orientação para celebração da Palavra de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 5-6.

Nos dias atuais a Celebração da Palavra de Deus em nossas comunidades é uma necessidade onde o povo se aproxima de Deus para ouvir a palavra do Santo Evangelho.

A reflexão sobre a importância da Celebração da Palavra de Deus na vida das comunidades, como fonte de comunhão, levará o povo de Deus a estarem unidos como cristãos. Tendo em vista essa afirmação do documento da CNBB 52 nos diz que “Aproximadamente 65% das comunidades reúnem-se e celebram os mistérios da fé ao redor da Palavra de Deus”, esse trabalho estudará mais profundamente a Celebração da Palavra de Deus. Fazendo uma breve memória da importância para o Povo de Deus no Antigo e Novo Testamento. Será apresentado também o Magistério da Igreja em relação à Celebração da Palavra de Deus, orientações práticas, estruturas de celebrações sugeridas, ministérios.

Ouso também relatar a minha humilde experiência no Ministério extraordinário da sagrada Comunhão e da Palavra pela Região Episcopal da Lapa. Finalmente, à luz de todos esses fatos observados, será feita uma análise de como vivemos hoje a Celebração da Palavra como fonte de Comunhão.

## CAPÍTULO I

### A CELEBRAÇÃO DA PALAVRA DO POVO DE DEUS NA BÍBLIA

#### 1.1 Antigo Testamento

A História do Povo de Deus antes de ser escrita foi vivida e celebrada. O que vemos na Sagrada Escritura não tem a pretensão de ser um histórico, mas um relato da vida, por vezes idealizado e narrado como sinal de esperança e de fé daquele povo.

Os relatos que vemos sobre esse povo nos mostra o caminho percorrido por eles na companhia de Deus, nas diversas situações de vida e sempre com a fé na sua presença de serem guiados, como filhos unidos no único propósito de amor a Deus.

O povo celebra sempre a sua relação com Deus em vários momentos que os leva a uma relação mais intensa e verdadeira no cumprimento de suas leis “Quando Abrão completou noventa anos, Senhor lhe apareceu e lhe disse: “Eu sou El Shaddai”, anda na minha presença e sê perfeito”. Eu instituo minha aliança entre mim e ti, e te multiplicarei extremamente. “E Abrão caiu com face por terra” (Gn 17, 1-3).

O altar como lugar de relação com Deus aparece desde os mais antigos relatos, lugar da conversa, da escuta e do sacrifício. “Deus disse a Jacó: “Levanta-te”! Sobe a Betel e fixa-te ali. Ali erguerás um altar ao Deus que te apareceu quando fugias da presença de teu irmão Esaú” (Gn 35,1).

Podemos observar alguns textos mais significativos que nos mostra a Aliança com Deus, como o Código da Aliança (Ex 20, 22-24), o qual fortalece a união do seu povo desprezando tudo que é profano. Esses versículos nos mostram a crença de Seu povo

no sacrifício de comunhão para celebrar em memória de Seu nome. O Código da Aliança estabelece a pluralidade dos lugares de culto. O culto firma a manifestação e a presença de Deus onde se revelou e do qual tomou posse.

Nesse texto conclusivo, podemos relatar alguns versículos que nos faz compreender a obediência de Moisés para com Deus, quando Moisés recebeu do Senhor as Leis da Aliança e o referiu ao povo todas as palavras do Senhor e todas as leis, e todo o povo respondeu a uma só voz (Ex 24,1- 4).

Podemos observar que: nos próximos versículos logo após a refeição e a comunhão dos jovens israelitas, Moisés tomou o Livro da Aliança e o leu para o povo; e eles disseram: “Tudo que o Senhor falou, nós o faremos e obedecemos” (Ex 24,7). A Aliança com Deus fez com que o povo estivesse sempre pronto para o caminho, onde a obediência à Palavra de Deus se torna resposta ao chamado a Aliança.

Moisés transmite ao povo todas as palavras do Senhor e todas as leis (Ex 24, 3) colocando-as por escrito no livro da Aliança (24,4).

Deus não volta atrás a sua Palavra, sua Aliança é para sempre, enquanto o povo de Israel se mostra infiel, sendo assim é necessário lembrar a Aliança feita ao povo para que todos se mantenham no caminho da fidelidade e a obediência para com a Aliança seja conhecida pelas demais gerações.

Em resposta a obediência a Deus, o povo celebra os rituais de purificação no dia das Expições.

### **1.1.1 O grande Dia das Expições (Lv 16,33-34)**

Assim procederá para com a Tenda da Reunião que permanece com eles, no meio das suas impurezas. Ninguém deverá estar na Tenda da Reunião desde o momento em que ele entrar para fazer expiação no santuário até quando sair.

Depois que tiver feito por si mesmo, pela sua casa, por toda a comunidade de Israel, sairá e irá ao altar que está diante do Senhor e fará no altar o rito de expiação. Tomará o sangue do novilho e o sangue do bode e o porá nos chifres do altar, ao redor. Com o mesmo sangue fará sete aspersões sobre o altar com o dedo. Assim purificará e o separará das impurezas dos Israelitas.

O sacerdote que tiver recebido a unção e a investidura, para officiar em lugar de seu pai, fará o rito de expiação. Colocará as vestes de linho, vestes sagradas; fará expiação do santuário sagrado, da Tenda da Reunião e do altar. Fará em seguida o rito da expiação pelos sacerdotes e por todo o povo da comunidade. Isto será para vós uma lei perpétua; uma vez por ano se fará o rito de expiação pelos israelitas, por todos os seus pecados. E fez-se como o Senhor havia ordenado a Moisés.

O Senhor falou a Moisés e disse:

Mas o décimo dia do sétimo mês é o dia das Expições. Tereis santa assembleia. Jejuareis e apresentareis oferenda queimada ao Senhor. Nesse dia não fareis trabalho algum, pois é o dia das Expições, quando se fará por vós o rito de expiação diante do Senhor vosso Deus. E toda pessoa que não jejuar nesse dia será eliminada do seu povo; e toda pessoa que fizer algum trabalho nesse dia, eu a exterminarei do meio do seu povo. Nenhum trabalho fareis; é uma lei perpétua para vossos descendentes, ode quer que habiteis. Será para vós um dia de repouso completo. Jejuareis e, à tarde do nono dia do mês, desde esta tarde até a tarde seguinte, cessareis completamente o trabalho.

O Dia da Expição era a segunda etapa de uma expiação em duas fases: Na primeira fase, durante um ano, os Israelitas eram perdoados. Seus pecados não eram apagados, mas confiados ao próprio Deus, que havia prometido cuidar deles. Na segunda fase não se relacionava tanto com o perdão, porque as pessoas já estavam perdoadas. Na verdade, o verbo “perdoar” (Lv 23, 27-32).

A oferta da purificação pelo sacerdote tinha como sacrifício um novilho por seus pecados, certificando-se que o sacerdote estaria puro ao entrar no santuário e realizar o ritual para purificá-lo. A oferta de purificação do bode “para o Senhor” (Lv 16, 8). Durante o ano as ofertas de purificação levavam todos os pecados dos israelitas para o santuário. Assim Deus queria afastar os pecados do Seu povo para longe do santuário e do acompanhamento.

Lendo Levítico 16, 15 observamos que o ritual feito com o bode simbolizava a purificação do povo, visto que não havia confissão do pecado nem imposição de mãos envolvidas com o bode para o Senhor, seu sangue não era portador de pecado.

### **1.1.2 O Decálogo – Moisés convoca todos os israelitas (Dt 5,1-22)**

“Moisés convocou toda Israel e disse: Ouve, ó Israel, os estatutos e normas que hoje proclamo aos vossos ouvidos. Vós os aprendereis e cuidareis de pô-los em prática” (Dt 5, 1).

“Eu sou Senhor teu Deus, aquele que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão” (Dt 5, 6).

O Decálogo anunciado por Moisés se tornou mandamento para o Povo de Deus até hoje onde é seguido e respeitado por todos os cristãos com mãos fortes e braços estendidos num sinal de louvor e de agradecimento por fazer parte do Povo de Deus. Com esse mandamento, Deus nos ordena que se coloque em prática tudo que foi escrito e tomasse posse dessa lei, para que como povo de Deus possamos seguir todos os dias de nossas vidas. No sermão da montanha (Mateus 5 a 7), bem como no diálogo com o jovem rico (Mateus 19, 16ss), ao Cristo tratar do verdadeiro espírito da lei Ele lembra que Deus leva em conta não só a mera obediência ao seu texto, mas as reais e íntimas intenções do indivíduo quanto a tal obediência. Nenhum dos mandamentos da Lei de Deus tem aplicação limitada a Israel. João no Apocalipse (1, 10) refere-se ao “dia do Senhor”, que para nós católicos é o Domingo, como sendo um dia especial dedicado a Deus. Portanto, ele mantinha um dia especial de observância, como estabelecido no 3º mandamento da lei de Deus: Santificar os Domingos e Festas de Guarda (cf. CIC 2168 – 2195)<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> *Catecismo da Igreja Católica* (CIC). Edição Típica Vaticana. São Paulo, Loyola, 2000.

### **1.1.3 Vocação de Neemias: sua missão em Judá**

O Senhor, Deus do céu, o Deus grande e temível, que guarda a aliança e a misericórdia para com aqueles que o amam e observam seus mandamentos, que teus ouvidos estejam atentos e teus olhos abertos, para ouvir a prece do teu servo. (cf. Ne 1, 5-6).

Observando os mandamentos, estatutos e normas que havias prescritos a Moisés, teu servo. Lembrando-se das palavras que foi dito e ordenado: “Se fordes infiéis, dispersar-vos-ei entre as nações; mas se voltardes a mim, observando os meus mandamentos e pondo-os em prática, mesmo que vossos exilados se achassem nos confins do Céu, eu os reuniria e reconduziria ao Lugar que escolhi para nele fazer habitar meu Nome. (cf. Ne 1,8-9).

Todo Povo de Deus traz prescrito os mandamentos deixados por Moisés, para que seu povo alcançasse a misericórdia e a terra prometida.

A atitude de Neemias foi semelhante à de Jesus na purificação do Templo. A mansidão não está ligada à complacência, na briga com os homens da lei ele restituiu os levitas ao serviço para o qual foram chamados por Deus. Sendo assim foi fiel e fazia tudo por amor a Deus. Como homem justo lutava, pois estava batalhando pela causa do Senhor. Novamente vemos que ele não confiava nas pessoas desordeiras, por isso, colocou pessoas de sua confiança às portas para que as mercadorias não entrassem às escondidas. Todos esses escritos nos mostram como termina esse modo áspero, resumindo a obra de restauração que Neemias liderou.



#### 1.1.4 Só há um Deus (Is 44, 6-8)

“Assim diz o Senhor o rei de Israel, Senhor dos Exércitos, o seu redentor: Eu sou o primeiro e o último, fora de mim não há Deus”. Quem é como eu? Que clame, que anuncie, que o declare na minha presença; desde que estabeleci um povo eterno, diga ele o que se passa, e anuncie o que deve acontecer. Não vos apavoreis, não temais; não vo-lo dei a conhecer há muito tempo e não o anuncie? São-vos minhas testemunhas. Porventura existe um Deus fora de mim? Não existe outra rocha: eu não conheço nenhuma.

No II Isaías capítulo que vai do 40 ao 55, chamado também o Livro da Consolação. Esses escritos nos posicionam a uma leitura em que nos fala do Deus eterno e único que continua presente na vida do servo sofredor. Esses capítulos foram escritos por profeta anônimo, comumente chamado Segundo Isaías ou Dêutero-Isaías, que iniciou a pregação após 550 AC, no final da época do Exílio na Babilônia, quando ocorriam as primeiras vitórias de Ciro II, apresentando uma mensagem de esperança e consolação.

#### 1.1.5 A celebração da antiga aliança

Já que a liturgia é “serviço público”, não existe culto plenamente litúrgico a não ser que seja celebrado para e por um *povo reunido*. Efetivamente encontramos as primeiras manifestações da liturgia da aliança quando o povo de Israel, constituído do Sinai como “nação consagrada” (Ex 19, 6), reúne suas assembleias cultuais. Aí se vê como o povo de Deus, convocado, interpelado, adere ao pacto e o sela. O exame de três momentos importantes da história de Israel no-lo faz compreender.<sup>3</sup>

a) *A assembleia do Sinai (Êx 19; 24; 34)*

---

<sup>3</sup> GELINEAU, Joseph. *Em Vossas Assembleias, 1- Teologia da missa: Sentido e prática da celebração litúrgica*. 2ª edição. São Paulo: Paulinas, 1975, p. 40-41.

A descendência de Abraão, exilada longe da terra prometida, dispersada no Egito, foi tirada da escravidão pela mão poderosa de Deus que conduziu ao deserto. No Sinai, Deus forma seu povo revelando-lhe sua lei e seus desígnios a respeito dele (Êx 19,5-6). Lá é que se reunirá a assembleia constituinte de Israel como povo do Senhor; com ele é celebrada a aliança.

*b) A assembleia de Siquém (Js 24).*

Tendo entrado na terra prometida, sob a conduta de Josué, o povo de Deus, numa solene assembleia, renova a aliança do Sinai e sela a unidade de novo estilo que terá doravante.

*c) A assembleia de Esdras (Ne 8-9).*

De volta do exílio, o povo reconstituiu sua unidade em torno da Lei revelada, durante a semana da festa dos Tabernáculos.

## **1.2 Novo Testamento**

Os escritos do Novo Testamento reproduzem o esquema de Celebração da Palavra do Povo de Deus na tradição judaica, onde o Povo celebra a Palavra tendo como Tradição e herança e o Testemunho de João Batista.

“Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaias” (Jo 1,23).

“Eu não o conhecia, mas, para que ele fosse manifestado a Israel, vim batizar com água”. E João deu testemunho, dizendo: “Vi o espírito descer como uma pomba vinda do céu, e permanecer sobre ele. Eu não o conhecia, mas aquele que me enviou para batizar com água, disse-me Aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer é o que batiza com o Espírito Santo. E eu vi e dou testemunho que ele é o Eleito de Deus” (Jo 1, 31-34).

### 1.2.1 A Celebração da Nova Aliança na Igreja

No mesmo dia de Pentecostes (a), a multidão se reúne “(At 2, 6) à palavra dos apóstolos” (b). Cada qual ouve em sua própria língua as maravilhas de Deus (v. 11) (c). Então, todos os que acolhem a palavra se arrependem (vv. 37 – 41) (d) são batizados, mostrando-se fiéis à comunhão fraterna e à fração do pão (vv. 41- 42). Jamais, depois disso, a Igreja deixou de (a) se *reunir* para celebrar o mistério pascal (b); *lendo* em toda a escritura o que a ele se referia (Lc 24, 17) (d), celebrando “a *eucaristia* na qual se tornam presentes a vitória e o triunfo de sua morte” (c), e, ao mesmo tempo, *dando graças* a “Deus por seu dom inefável” (1 Cor 9, 15) no Cristo Jesus, “para louvor de sua glória” (Ef 1, 12) “pela virtude do Espírito Santo” (SC 6).

A liturgia da Palavra da nova aliança é, portanto: reunião, proclamação da Palavra, oração e sacramento, para um culto espiritual. É o que invoca a Epístola aos Hebreus, que compara a nova assembleia da Igreja, onde se entra pelo batismo, à assembleia do Sinai:<sup>4</sup>

Não vos aproximastes de uma realidade tangível: fogo ardente, obscuridade, trevas, furacão, som de trombetas e clamor de palavras, de tal modo que aqueles que ouviram suplicaram que não se continuasse a falar... Mas vós vos aproximastes da montanha de Sião e da cidade do Deus vivo, da Jerusalém celeste e de miríades de anjos, reunião de festa e da assembleia dos primogênitos que estão escritos nos céus, de um Deus juiz universal, e dos espíritos dos justos que foram tornados perfeitos, de Jesus mediador de uma nova aliança e de um sangue purificador mais eloquente do que o de Abel. Cuidai em não recusardes escutar aquele que fala... Assim, já que nós recebemos a posse de um reino inabalável, conservemos firmemente a graça e, por ela, prestemos a Deus um culto que lhe seja agradável, com religião e temor (Hb 12, 18-29).

De todos os sinais que atualizam a aliança, o primeiro, o que condiciona todos os outros, e que devemos estudar antes de tudo, é o da assembleia.

<sup>4</sup> GELINEAU, Joseph. *Em Vossas Assembleias*, p. 43-44.

### 1.2.2 A Experiência de Emaús

Nos escritos do Evangelho que narra o encontro de dois discípulos com o Senhor Ressuscitado, na volta de Jerusalém para Emaús (Lc 24,13-35). Os discípulos que caminhavam conversavam sobre alguns acontecimentos ocorridos nos Estádios. Junto deles o próprio Jesus aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles. Enquanto caminhavam trocavam indagações de acontecimentos ocorridos e que não podia ficar sem respostas. Uma das indagações que traziam em conversa, estava à questão de Jesus: “O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que foi profeta poderoso em obras e em palavras, diante de Deus e diante de todo o povo: como nossos sumos sacerdotes e nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram” (Lc 24, 19-20).

Jesus os escutava e dava-lhes a seguinte resposta: “Insensatos e lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciaram!” Não era preciso que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse em sua glória? E começando por Moisés e percorrendo todos os profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito (Lc. 24, 25-27).

Ao concluir pode-se dizer que: Emaús, caminho do nosso sim, da esperança e da liberdade de sentir que podemos tirar grandes ensinamentos a favor dos pobres e sofredores que buscam auxílio e que espera que não virasse as costas para eles. Assim podemos mostrar que a história faz parte de todos nós. Precisamos fazer esse caminho de Emaús e tentar redescobrir onde Jesus nos chama e em que situações de nossa vida o nosso coração se torna ardente e forte para ouvir o chamado de Deus a sair e evangelizar a todos os filhos seus.

Essa realidade é iluminada pela Palavra de Deus, e Jesus nos explica as Escrituras numa contextualização clara e viva.

Todos esses acontecimentos narrados, assim como nossas Missas ou Celebrações da Palavra dos nossos dias tem relação, são a mesma Celebração.

A Liturgia da Palavra não é uma mera “preparação” para a Liturgia Eucarística. “Quando olhamos para a mesa da Palavra, para o ministro que proclama as passagens bíblicas, para o salmista que canta o salmo ou para quem proclama o “Exulte” da vigília pascal, olhando para o Cristo”.<sup>5</sup>

As passagens tão sabiamente escolhidas, não são apenas relatos do passado, como algo que aconteceu há muito tempo e está longe de nossa vida, de nossa realidade, mas nos faz estar sempre unidos a Cristo pela fé que professamos e pela comunhão com o Cordeiro Santo.

Para nós, as leituras proclamadas, escutadas e meditadas na assembleia reunida, são a Palavra viva e atual do Senhor. “É Cristo que fala” as nossas realidades, trazendo palavras de ânimo e consolo, orientação e esperança. Isto acontece por meio do Espírito. Presente no povo reunido, no ministério dos leitores e na pessoa que faz a homilia e a partilha da Palavra.

A homilia aquece nosso coração (como aconteceu aos discípulos de Emaús, cujo coração “ardia” ao escutar Jesus), ela deve nos introduzir na realização sacramental do mistério anunciado na palavra proclamada: o que é dito na Liturgia da Palavra, acontece conosco, sacramentalmente na Liturgia Eucarística.

Os dois momentos nos ajudam a viver um único encontro, com a mesma pessoa: Jesus Cristo.

A Palavra produz frutos na vida da comunidade; os discípulos de Emaús, animados pelo encontro com Jesus, saíram e voltaram correndo! Esta é a ação que a Palavra deve produzir em nós, nos anima e não temos medo de proclamar a Boa Notícia do Cristo ressuscitado aos povos e nações de toda a terra.

Jesus, na última ceia, dentro do rito judaico, celebra a “Nova Aliança”! (Lc 22, 20). Ela é chamada “nova”, precisamente em relação com a Aliança do Sinai (Jr 31, 32). A Nova Aliança é prolongamento da Aliança do Sinai, assim como de todas as outras celebrações da Aliança que faz parte da história de Israel, rumo a Jesus.

---

<sup>5</sup> BUYST, Ione. *A missa: Memória de Jesus no coração da vida*. 3ª edição. Petrópolis: Vozes. 1997. p. 20.

Jesus assume, por sua morte, todos os sacrifícios antigos atualizando a História.

Durante muitos séculos, o povo cristão teve o privilégio de poder partilhar das duas mesas; da Palavra e da Eucaristia.

Porém hoje, a exemplo do Povo do Antigo Testamento em algumas épocas, nos vemos privados de partilhar da mesa da Eucaristia. Nossa realidade mostra o número cada vez mais reduzido de vocações sacerdotais. O número de padres é insuficiente para atender a população cristã. Um dos aspectos onde isso se percebe é nas Celebrações Dominicais. Temos Paróquias com muitas comunidades e apenas um padre para atendê-las e em muitos casos com mais de uma paróquia. Isto fica mais grave em regiões do Norte e Nordeste, onde muitas vezes, as comunidades têm a presença do padre apenas uma vez por ano, na Celebração dos batizados, crismas, casamento e confissões.

## CAPÍTULO II

### CELEBRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA

#### 2.1 Sinais entre Deus, e o Homem, seu Povo e a Aliança

“Deus nunca deixou de dar ao homem testemunho de si mesmo. E cada homem, tendo podido conhecer através de suas obras algo de seu eterno poder e de sua divindade, prestar a Deus glória e ação de graça, num culto que lhe seja agradável (Rm 1,20-21)”<sup>6</sup>.

Mesmo nos cultos dos pagãos, “que buscam ainda nas sombras e sob imagens um Deus que eles ignoram” (LG 16)<sup>7</sup> encontram-se *sinais de uma comunicação* entre Deus e todos os homens que o busca com retidão, pois “em toda nação, aquele que o teme e pratica a justiça lhe é agradável” (At 10,35).

“Entretanto, aprouve a Deus que os homens não recebessem a santificação e a salvação separadamente, independentemente de toda ligação mútua; pelo contrário, quis constituir um povo que o conhecesse segundo a verdade e o servisse na verdade” (LG 9). Primeiramente escolheu para si um povo de Israel, com o qual fez uma aliança. Figurava e preparava assim a aliança nova e perfeita, concluída no sangue de Cristo (1 Cor 11,25), com um povo novo, formados por todos os que cressem nele e fossem batizados em seu nome”.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> GELINEAU, Joseph. *Em Vossas Assembleias*, p. 39.

<sup>7</sup> *Constituição Dogmática Sobre a Igreja (Lumen Gentium)*. Capítulo 16.

<sup>8</sup> GELINEAU, Joseph. *Em Vossas Assembleias*, p. 39.

Cada comunicação entre Deus e os homens é manifestada por sinais “sagrados” que significam a realidade invisível comunicada.

Ao conhecimento de Deus em sua criação correspondem sinais de um culto chamado “natural” (hino e orações, ofertas e sacrifícios, votos e jejuns, etc.), porque eles se referem à ação de Deus criador e providente. Assim se pode interpretar a aliança universal feita com Noé após o dilúvio (cf. Gn 8, 20-9,17). A revelação que Deus fez de si ao povo descendente de Abraão correspondem os sinais de um culto *histórico*, porque se referem todos, direta ou indiretamente, ao pacto feito entre Deus e seu povo. A aliança se acrescenta com um código; o sinal implica uma obrigação. A liturgia de Israel refere-se à aliança do Sinai da qual ela é o memorial atualizante. Ela representa a iniciativa de Deus tomando para si um povo; lembra as exigências de sua Lei; renova a “disposição” do pacto num sinal ritual (sacrifício) que requer, por sua vez, uma vida conforme a “justiça” do reino de Deus.<sup>9</sup>

## 2.2 Liturgia da Palavra e linguagem litúrgica

Muita gente pensou que passando a língua litúrgica do Latim para o vernáculo estaria tudo alcançado. A surpresa – felizmente – é que o uso do vernáculo veio desencadear um novo processo: da parte do povo, a compreensão do que se houve, do que se diz, do que se faz, vieram exigir outras mudanças, que a própria legislação pós-conciliar vai aos poucos contemplando, que visam a uma perfeita comunicação, exigida veio por nosso tempo e pelas pessoas<sup>10</sup>.

Nas missas celebradas com o povo, pode-se dar lugar suficiente às línguas vernáculas, sobre tudo nas leituras e na “oração comum” e, segundo as diversas circunstâncias dos lugares, também nas partes que pertencem ao povo, conforme o estabelecimento no art. 36 desta constituição. Tomem-se o

---

<sup>9</sup> GELINEAU, Joseph. *Em vossas Assembleias*, p. 41.

<sup>10</sup> GELINEAU, Joseph. *Em vossas Assembleias*, p. 8.



providencias para que os fiéis possam rezar ou cantar juntos, mesmo em latim, às partes do Ordinário que lhes competem<sup>11</sup>.

### 2.3 A Celebração da Palavra de Deus viva na Liturgia

A celebração da Palavra é recomendada vivamente pela constituição sobre a liturgia (Sacrosantum Concilium):

Incentive-se a celebração da Palavra de Deus nas vigílias das festas mais solenes em algumas férias do advento e da quaresma, bem como os domingos e dias santos, sobretudo naqueles lugares onde falta sacerdote.

Fomentem-se as celebrações sagradas da Palavra de Deus... Ela educa os cristãos [...] e faz com que sejam instruídos pela a Palavra de Deus; a mesa que alimenta os fiéis [...]; com a finalidade de preparar mais ricamente a mesa da Palavra de Deus para os fiéis, os tesouros bíblicos sejam abertos com maior abundância; como um tesouro, a Palavra deve se tornar acessível ao povo [...]; que os tesouros da Palavra Divina possam ser encontrados facilmente, mediante sua escuta, preferivelmente em comunidade, os fiéis atualizem aos domingos a Paixão, a Ressurreição e a Glória de Jesus na quaresma preparem-se *para* celebrar o mistério pascal [...] Escutando com maior frequência a Palavra de Deus, os fiéis se dispõem a celebrar o mistério pascal.<sup>12</sup>

Já a terceira introdução da constituição conciliar sobre a Liturgia (1970) dá orientações acerca do desenvolvimento da celebração da Palavra e afirma:

Quando, por falta de sacerdotes, forem designadas pelo bispo, por concessão da Sé Apostólica, outras pessoas como, por exemplo, os catequistas, especialmente nas missões, para celebrar a liturgia da Palavra e para distribuir a comunhão, estas não devem rezar a Oração Eucarística. Todavia, se julga oportuno ler a narrativa da instituição da Eucaristia, use-a como leitura, na liturgia da Palavra.

<sup>11</sup> BECKHAUSER, Alberto. *Sacrosantum Concilium: texto e comentário*. 1ª edição. São Paulo: Paulinas, 2012, p.79.

<sup>12</sup> CELAM. *Manual de Liturgia. Volume IV: a celebração do mistério pascal*. São Paulo: Paulus, 2007. p. 160.

Por conseguinte, nessa assembleia de fiéis, depois da celebração da Palavra recite-se o Pai-nosso e distribua-se a sagrada comunhão.<sup>13</sup>

O episcopado da América Latina em sua segunda conferência, em Medellín (1968), ao mesmo tempo em que destaca o valor das celebrações da Palavra de Deus, realça sua relação com as celebrações sacramentais: fomentem-se as sagradas celebrações da Palavra, conservando sua relação com os sacramentos em que ela alcança sua máxima eficácia e particularmente na eucaristia.

As celebrações da Palavra alcançaram uma ênfase ainda maior nas conclusões da terceira conferência do episcopado latino-americano. O documento emanado dessa conferência reconhece que: a falta de ministros, a dispersão populacional e a situação geográfica do continente fizeram crescer a consciência da utilidade das celebrações da Palavra de Deus.

Em Puebla (1979), recomenda-se que quando na falta do sacerdote as celebrações da Palavra de Deus sejam dirigidas pelo diácono ou por leigos:

Fomenta as celebrações da Palavra dirigida pelos diáconos ou leigos (homens e mulheres), como ocasiões propícias de evangelização aproveite-se da Palavra nos funerais e nos atos de piedade.

As celebrações da Palavra, com uma leitura variada, abundante e bem escolhida da Sagrada Escritura, são de grande proveito para a comunidade, principalmente onde não há presbíteros e, sobretudo, para a celebração dominical.<sup>14</sup>

A celebração da Palavra, a partir da constituição conciliar sobre a liturgia, as celebrações da Palavra passaram a ser consideradas um verdadeiro ato litúrgico.

A liturgia é ação comunitária da Igreja, do novo povo de Deus que está vivendo as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias com todos os homens e mulheres de hoje, sobretudo, os pobres. A liturgia é o ápice e a fonte da vida da comunidade eclesial. É a festa da comunhão entre o Pai e seus filhos, na qual se celebra a ação do Senhor Jesus que, por seu mistério pascal, assume e liberta o povo de Deus.

<sup>13</sup> CELAM. *Manual de Liturgia. Volume IV*, p. 161.

<sup>14</sup> CELAM. *Manual de Liturgia. Volume IV*, p. 162.

Por sua própria natureza, toda a sua ação celebrativa necessita de uma assembleia, de pessoas em nome de sua fé. A celebração inicia com uma reunião e consiste numa reunião. A própria palavra de Deus é celebrada, quer dizer, torna-se realidade numa comunidade de fé.

O Povo de Deus congrega-se, antes de tudo, pela Palavra de Deus vivo. Sem a celebração da Palavra de Deus, uma assembleia de convocados não passa de um aglomerado de indivíduos. A Palavra de Deus motiva os ouvintes a ser Ecclesia fidei que celebra sua fé.

A Igreja cresce e constitui-se na escuta da Palavra de Deus; sempre que ela, congregada pelo Espírito Santo na celebração litúrgica, anuncia e proclama a Palavra, reconhece-se como o novo povo no qual a aliança estabelecida antigamente chega agora à sua plenitude e perfeição.<sup>15</sup>

## 2.4 O homem faz sua, a Palavra de Deus

Há outro aspecto a ser considerado, sem dúvida alguma, o mais belo e o mais surpreendente. Deus se humilha, assumindo como sua palavra humana. E então esta palavra humana fica sendo sua palavra. A esta humilhação de Deus corresponde uma elevação do homem: ele é chamado a apropriar-se daquela Palavra.

O saltério é o livro da Bíblia, no qual esta identificação, entre a palavra humana e divina, se faz mais evidente. Porque inspirados os salmos são palavras que Deus nos dirige; mas por ser oração, é também nossa resposta. Assim o homem devolve a Deus sua própria palavra. A oração tem então a certeza de encontrar o caminho de seu coração. Aqui está toda a beleza do saltério.<sup>16</sup>

A Palavra viva na igreja tem como plano mostrar que a Igreja é um órgão que a restitui para nós como moradia familiar de Deus, onde sua Palavra é pronunciada por

---

<sup>15</sup> CELAM. *Manual de Liturgia. Volume IV*, p.165.

<sup>16</sup> MAGRASSI, Mariano. *Viver a Palavra*. São Paulo: Paulinas, 1984. p.194.

Jesus Cristo em uma forma absolutamente definitiva. A igreja tem o privilégio desta presença, porque se identifica com Cristo, é sua continuação, é animada por seu Espírito. Onde está Igreja, lá está Cristo, lá está sua Palavra viva.

## 2.5 O conteúdo da celebração pelo Povo de Deus

Trata-se de um bloco, literalmente em matéria de conteúdo, unitário e que pode ser assim esquematizado: Ex 19, 3-24: proposta da aliança e grande teofania; 20, 2-17: cláusula da aliança (ou decálogo), a que se segue o código da aliança (20, 22-23,19); 25, 1-11: celebração conclusiva segundo esses momentos: encontro de Moisés com o Senhor; adesão do povo: “Tudo que o Senhor ordenou nós o faremos e executaremos!” (v.7); sacrifício da aliança: Eis o sangue da aliança, que o Senhor fez convosco por meio de todas estas clausulas!” (v.8).

Pode-se sintetizar os elementos desta liturgia da seguinte maneira: proposta de Deus e resposta do povo; fortalecimento do pacto com o sinal do sangue. São como vemos os elementos como certo sentido, já prefiguram os termos “Palavra” e “Sacrifício”, para nós mais habituais, que caracterizarão as “santas convocações” do povo da antiga aliança; prefigurativos por sua vez e paradigmáticos dos elementos da celebração que Cristo realizou na nova e definitiva aliança no próprio sangue, e que confiou sua Igreja como memorial perene.

Na primeira aliança, “as dez palavras são as condições propostas por Deus e livremente aceitas pelo povo, para viver naquela condição... de liberdade (em que) que foi colocado pela ação gratuita e eficaz de Deus... (Elas) são as condições necessárias para prolongar a história salvífica de Deus em favor da comunidade reunida na assembleia”.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> SODI, M. *Celebração*. In: SARTORE Domenico e TRIACCA, Achille M. (Org.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. p. 187.

## 2.6 Teologia da Celebração

Se a celebração é realização ritual da fé, a teologia da celebração deverá ser reflexão sobre a “fé posta em rito”, isto é, teologia dos ministérios, a qual constitui a chave de compreensão cada vez mais plena da própria liturgia. De fato, se a liturgia constitui o momento síntese da história da salvação enquanto resume em si anúncio (AT), acontecimento (NT) e *éschaton* desta história, são os *iterata mystéria* que realizarão no indivíduo e na comunidade a realidade anunciada e já cumprida em Cristo.

O anúncio da Palavra é um dos dois elementos constitutivo da primeira como da nova aliança e, conseqüentemente, de toda ação litúrgica que realiza algum de seus aspectos. Na ação litúrgica, tal anúncio constitui uma realidade única com o sacramento, ao passo que, “a função da palavra estritamente sacramental se antecipa de certo modo à liturgia da Palavra”; e, neste sentido, é possível retomar uma terminologia escolástica que, referindo-se à estrutura da missa, “vê a liturgia da Palavra como a *pars magis determinans* e a liturgia eucarística como a *pars magis determinabilis...*”. É a palavra, pois, que faz o rito sacramental – qualquer que ele seja... verdadeiro e específico *Kairós*, sinal de salvação.<sup>18</sup>

Esse segundo capítulo nos mostra a Celebração da Palavra passando por algumas épocas sem perder sua essência junto ao povo de Deus. Muitos pontos são marcantes e vivo na memória do povo cristão, onde a Palavra de Deus nos explica as Escrituras numa contextualização clara e viva. Durante muito tempo o povo cristão teve o privilégio de poder partilhar das duas mesas; da Palavra e da Eucaristia. Com a promulgação do Concílio Vaticano II, houve várias compreensões assistidas pela Igreja que trouxe um ganho satisfatório para o catolicismo que estavam à espera de mudanças. Somada as mudanças do concílio, vieram também os documentos do CELAM que ajudaram a normalizar alguns pontos que estavam ainda por aprovar. Outros entendimentos chegaram com algumas encíclicas escritas pelos Pontífices da época.

---

<sup>18</sup> SODI, M. *Celebração*. In: SARTORE Domenico e TRIACCA, Achille M. (Org.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. p.191.

## CAPÍTULO III

### CELEBRAÇÃO DO POVO DE DEUS NO MAGISTÉRIO

#### 3.1 O Magistério da Igreja na sua função de ensinar

Em primeiro lugar, é preciso reconhecer os benefícios que a exegese histórico-crítica e os outros métodos de análise do texto, desenvolvidos em tempos mais recentes, trouxeram para a vida da Igreja. Segundo a visão católica da Sagrada Escritura, a atenção a estes métodos é imprescindível e está ligada ao realismo da encarnação. O faato histórico é uma dimensão constitutiva da fé cristã. A história da salvação não é uma mitologia, mas uma verdadeira história e, por isso, deve-se estudar com os métodos de uma investigação histórica sária. Por isso, o estudo da Bíblia exige o conhecimento e o uso apropriado destes métodos de pesquisa. Se é verdade que esta sensibilidade no âmbito dos estudos se desenvolveu mais intensamente na época moderna, embora não de igual modo por toda parte, todavia na sã edição eclesial sempre houve amor pelo estudo da “letra”. Basta recordar aqui a cultura europeia: na sua raiz, está o interesse pela palavra. O desejo de Deus inclui o amor pela palavra em todas as suas dimensões: “Visto que, na Palavra bíblica, Deus caminha para nós e nós para Ele, é preciso aprender a penetrar no seu modo de se exprimir. Assim, devido precisamente à procura de Deus, tornam-se importantes as ciências profanas que nos indicam as vias rumo à língua”.<sup>19</sup>

O significado da palavra Magistério possui variantes conforme o contexto em que é utilizado ao longo da história da Igreja Católica.

---

<sup>19</sup> PAPA BENTO XVI. *Verbum Domini, Exortação Apostólica Pós-Sinodal*. 6ª edição. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 63.

O Magistério vivo da Igreja, ao qual compete “o encargo de interpretar autenticamente a Palavra de Deus escrita ou contida na Tradição, interveio com sapiente equilíbrio relativamente à justa posição a tomar face à introdução dos novos métodos de análise histórica.”<sup>20</sup>

### 3.2 Pio IV Concílio de Trento

No Concílio de Trento nas sessões 22<sup>a</sup> e 23<sup>a</sup> (missa/sacramentos e sacramento da ordem em 1547), embora a Missa contenha grandes ensinamentos para o povo fiel, contudo não pareceu conviniente em língua vernàcula. Por isso, conserve-se em toda parte o ritmo antigo de cada Igreja e aprovada pela santa Igreja Romana, mãe e mestre de todas as Igrejas. Mas, para que não ocorra que as ovelhas de Cristo passem fome e os pequeninos peçam pão sem que haja quem lho parta (Lm 4,4), o santo Concílio ordena aos pastores e a todos os encarregados da cura de alma que, com frequência, durante a celebração de missa, por si ou por outros, exponham um dentre os textos lidos na Missa e expliquem entre outras coisas alguns mistérios deste santíssimo sacrifício, principalmente nos domingos e dias de festas.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> PAPA BENTO XVI. *Verbum Domini, Exortação Apostólica Pós-Sinodal*. 6<sup>a</sup> edição. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 64.

<sup>21</sup> DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas, Edições Loyola, 2007, p. 445-458.

### 3.3 Pio IX: Encíclica “Qui Pluribus”<sup>22</sup>

Essa Encíclica de 09 de novembro de 1846, nos orienta para os cuidados que devemos tomar com relação a tradução para outra língua, as palavras do Senhor: pois nada é mais fácil acontecer que a introdução de gravíssimos erros nas versões multiplas bíblicas, ou por fraude ou por ignorância dos tantos intérpretes; e tais erros então são longamente ocultados pela própria multidão e variedades daquelas traduções para danos de muitos.

Pio IX, os condenou solenemente, e confirmou depois essa condenação no Sílabo. São estas as palavras que emprega na Encíclica *Qui pluribus*: “Para aqui (tende) essa doutrina nefanda do chamado comunismo, sumamente contrária ao próprio direito natural, a qual, uma vez admitida, levaria à subversão radical dos direitos, das coisas, das propriedades de todos e da própria sociedade humana” (Encíclica *Qui pluribus*, 9 de novembro de 1846: Ata Pio IX

Nas regras rígidas pelos Padres escolhidos pelo Concílio de Trento e por Pio IV [\*1854] [...] aprovadas e antepostas ao Index dos livros proibidos, se lê, definido com senção universal, que não se deve permitir a leitura da Bíblia em língua vernácula a não ser aqueles que se jugue poderem aproveitá-la para o aumento da fé e da piedade. A esta regra, em seguida restringida com nova cautela por causa de contínuas fraudes dos hereges, foi finalmente, por autoridade de Bento XIV, acrescentada a declaração de que veja lícita a leitura daquelas traduções vernáculas que tinham sido aprovadas pela Sé Apostólica ou publicadas com notas tiradas dos santos Padres da Igreja ou de outros varões doutos e católicos.

---

<sup>22</sup> DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas, Edições Loyola, 2007, p. 609-613.



### 3.4 Paulo VI: Concílio Vaticano II: 3ª sessão

De modo semelhante, todas as vezes que se alimentam da ceia do Senhor, anunciam a sua morte até que ele venha. Por isso, no próprio dia de Pentecostes, em que a Igreja se manifestou ao mundo, “os que receberam a palavra” de Pedro “foram batizados”, e ficaram “perseverando na doutrina dos Apóstolos, na participação da fração do pão e nas orações [...] louvando a Deus e sendo bem vistos pelo povo” (At 2, 41-47).

Desde então, a Igreja nunca mais deixou de se reunir para celebrar o mistério pascal: lendo “o que ele se referia em todas as Escrituras” (Lc 24,27), celebrando a Escritura, na qual “se torna presente a vitória e o triunfo da sua morte”, e ao mesmo tempo dando graças “a Deus por seu dom inefável” (2 Cor 9,15) em Cristo Jesus, “para louvor da sua glória” (Ef 1,12), na força do Espírito Santo.

Para realizar tão grande obra, Cristo está sempre presente à sua Igreja, especialmente nas suas ações litúrgicas. Está presente no Sacrifício da Missa, quer na pessoa do ministro – pois “quem agora oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que então se ofereceu na cruz” -, quer especialmente sob as espécies eucarísticas. Está presente, com sua força, nos sacramentos, de modo que, quando alguém batiza, é o próprio Cristo que batiza. Está presente na sua palavra, pois é ele que fala quando na Igreja são lidas as Sagradas Escrituras. Está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta, ele que prometeu: “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, eu estou no meio dele” (Mt 18,20).

Em tão grande obra, pela qual Deus é perfeitamente glorificado e os homens santificados, Cristo associa sempre a si a Igreja, sua esposa muito amada, a qual invoca o seu Senhor e por meio dele rende culto ao Eterno Pai.

Com razão se considera a Liturgia como o exercício da função sacerdotal de Cristo. Nela, os sinais sensíveis significam e realizam, cada um à sua maneira, a santificação do homem e é exercido pelo Corpo Místico de Jesus Cristo, cabeça e membro, e culto público integral.

Portanto, qualquer celebração litúrgica é, por ser obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja, a ação sagrada por excelência, cuja eficácia por nenhuma outra ação da Igreja é igualada, com o mesmo título e no mesmo grau.

Pela Liturgia terrena participamos, já saboreando, na Liturgia celeste celebrada na cidade santa Jerusalém, para a qual, como peregrino, nos dirigimos e onde Cristo está sentado à direita de Deus, ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo, por meio dela cantamos ao Senhor um hino de glória com toda a milícia do exército celestial, esperamos parte e comunhão com os Santos cuja memória veneramos, e guardamos o Salvador, nosso Senhor Jesus Cristo, até que apareça como nossa vida e nós apareçamos com ele na glória.

A sagrada Liturgia não esgota toda ação da Igreja, porque, antes de poderem participar na Liturgia, os homens precisam ouvir o apelo à fé e à conversão: “Como invocarão aquele em quem não creram? Ou como acreditarão sem terem ouvido? Como poderão ouvir se não houver quem proclame? E como proclamarão se não forem enviados?” (Rm 10,14s).

Por isso, a Igreja anuncia a mensagem da salvação aos que não crêem, para que todos reconheçam o único Deus verdadeiro e seu enviado, Jesus Cristo, e se convertam de seus caminhos, fazendo penitência. Aos que crêem, tem o dever de prega-lhes constantemente a fé e a penitência, de dispô-los aos sacramentos, de ensiná-los a guardar tudo que Cristo mandou, de incentivá-los para tudo o que seja obra de caridade, piedade e de apostolado, no que se manifesta que os fiéis cristãos, embora não sejam deste mundo, são a luz do mundo e glorificam o Pai diante dos homens.

Contudo, a Liturgia é simultaneamente a meta para a qual se encaminha a ação da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força. Na verdade, o trabalho apostólico visa a conseguir que todos os que se tornaram filhos de Deus pela fé e pelo batismo se reúnam em assembleia para louvar a Deus na Igreja, participem no Sacrifício e se alimentem da Ceia do Senhor.

“A Liturgia, por sua vez, impele os fiéis, saciados nos “mistérios pascais”, a viverem “concordes na piedade”, pede que “sejam fiéis na vida a quanto receberam pela fé”, e pela renovação da aliança do Senhor com os homens na Eucaristia, e aquece os fiéis na caridade urgente de Cristo. Da Liturgia, pois, em especial da Eucaristia, como de sua fonte, se derrama sobre nós a graça, por

meio dela conseguem os homens com total eficácia a santificação em Cristo e a glorificação de Deus, para a qual, como seu fim, tendem todas as demais obras da Igreja”.<sup>23</sup>

### **3.5 Novas Orientações Institucionais**

Durante novas orientações da Igreja, alguns impactos surgiram com aprovação em apenas duas que se tornaram duradouro na vida da Igreja do Brasil.

#### **Multiplicação de Bispos e dioceses**

Desde Leão XIII, a política da Santa Sé foi de multiplicar as dioceses, tentando criar novos focos de vida religiosa, cobrir o avanço da ocupação nas zonas pioneiras e fazer face ao forte incremento populacional do país.

Os cinco anos de Leão XXIII foram, porém, particularmente pródigos nesta direção, que pode contar com grandes nomes da época no episcopado no Brasil, os quais trouxeram vários benefícios para Igreja e para o país. Com isso foram criadas várias dioceses e prelazias e seis novas províncias eclesiásticas, que foram inteiramente fiéis ao Concílio e às suas inspirações mais profundas.

#### **A mesa da Palavra**

Na assembleia dominical, como, aliás, em toda a Celebração Eucarística, o encontro com o Ressuscitado dá-se através da participação na dupla mesa da Palavra e do Pão da vida. Na segunda mesa atualiza-se a presença real, substancial e constante

---

<sup>23</sup> DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, 2007. p. 908 – 911; SC 10.

do Senhor ressuscitada, através do memorial da sua paixão e ressurreição, e oferece-se aquele pão da vida que é penhor da glória futura. Os dois aspectos, o da celebração e o da experiência real, estão intimamente relacionados. Por outro, é preciso que a escuta da Palavra de Deus proclamada seja bem preparada no espírito dos fiéis por um conhecimento apropriado da Escritura e, onde for pastoralmente possível, por iniciativas específicas de aprofundamento dos trechos bíblicos, especialmente os das Missas festivas. Muito depende, obviamente, da responsabilidade daqueles que exercem o ministério da Palavra. Sobre eles grava o dever de prepararem com particular cuidado, pelo estudo do texto sagrado e pela oração, o comentário à palavra do Senhor, apresentando fielmente os seus conteúdos e atualizando-os à luz das questões e da vida dos homens do nosso tempo.

Além disso, convém não esquecer que a proclamação litúrgica da Palavra de Deus, sobretudo no contexto da assembleia eucarística, não é tanto um momento de meditação e de catequese, como, sobretudo o diálogo de Deus com o seu povo, no qual se proclamam as maravilhas da salvação e se propõem continuamente as exigências da Aliança.<sup>24</sup>

### **O povo de Deus celebra a Salvação**

As maravilhas operadas por Deus no Êxodo visavam reunir o povo no Sinai para constituí-lo povo sacerdotal.

Jesus Cristo, o sumo sacerdote da fé que professamos (Hb 3,1), também reúne seu povo, a quem, pelo Batismo, deu participar do seu sacerdote. Assim o novo povo de Deus, que está no mundo vivenciando as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias com todos os homens e mulheres de hoje, sobretudo com os pobres, é convocado para assembleia, a fim de exercer de modo eminente o seu sacerdote com Cristo, por Cristo e em Cristo.

---

<sup>24</sup> PAPA JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica "DIES DOMINI" ao Episcopado, ao Clero e aos fiéis da Igreja Católica sobre a santificação do domingo*. São Paulo: Paulinas, 1998.

O povo de Deus, sobretudo na assembleia litúrgica se expressa como um povo sacerdotal e organizado, no qual a diversidade de ministérios e serviços concorrem para o enriquecimento de todos. Sua unidade e harmonia é um serviço do ministério da presidência. Convocada por Deus, a assembleia litúrgica, expressão sacramental da Igreja, unida a Jesus Cristo, é o sujeito da celebração.

O povo de Deus convocado para o culto que trabalha, faz festa, sofre, espera e luta na História. Por isso, as nossas assembleias são diversificadas. É mister abrir espaços de esperança à manifestação das ricas expressões religiosas das comunidades, dos grupos étnicos e das grandes massas empobrecidas. Porque não é possível celebrar um ato litúrgico alheio ao contexto da vida real do povo, em sua dimensão pascal (Doc. 43, nº 55).<sup>25</sup>

É essa diversificada assembleia, que é servida por ministérios e serviços multiformes, que o Espírito suscita em sua Igreja. Entre os ministérios distinguem-se os ordenados, do bispo, do presbítero e do diácono, participação específica no múnus dos apóstolos, múnus este, instituído por Jesus Cristo. Hoje temos os ministérios instituídos do acólito e do leitor; e chamamos “de credenciados” os serviços que o cristão leigo exerce em virtude de seu batismo sob a coordenação de seu bispo: são assim, o ministério extraordinário do Batismo, da comunhão Eucarística e da assistência do Matrimônio. Há também determinados serviços litúrgicos que de modo estável, desempenham leitores, comentaristas, recepcionistas, componentes do coral e, sobretudo, as Equipes de Pastoral Litúrgica. Esta diversidade de ministérios fortalece a Igreja como comunidade e realça a dimensão comunitária da ação litúrgica (Doc. 43, nº 56).

Nessa exuberante manifestação do Espírito, que são os ministérios, há que se destacar alguns aspectos mais significativos (Doc. 43, nº 57).

O serviço da presidência, como sinal visível de Cristo-Cabeça, implica para bispos, presbíteros e diáconos uma renovada postura quanto celebram com seu povo (Doc. 43, nº 58).

---

<sup>25</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Animação da Vida Litúrgica no Brasil*. 20ª edição. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 25 e 26. (Documentos da CNBB, 43 nº 55)

O diácono, como o presbítero e o bispo, não só presidem a assembleia, mas a preparam, no sentido de que eles incumbem a responsabilidade de construir a comunidade, condições importantes para a celebração litúrgica (Doc. 43, nº 59).

“Onde a necessidade da Igreja o aconselhar, podem também os leigos, na falta de ministros, mesmo não sendo leitores ou acólitos, suprir alguns de seus ofícios, a saber, exercer o ministério da palavra, presidir as orações litúrgicas, administrar o Batismo e distribuir a Sagrada Comunhão, de acordo com as prescrições do direito” (Doc. 43, nº 60).

Hoje, para a Liturgia, o leitor é instituído para servir à Palavra, proclamando-a no culto e fazendo-a mais conhecida na Catequese; o acólito, no seu serviço prestado no altar e à distribuição da Eucaristia, acrescenta a preocupação com a caridade, pois, sem amor ao próximo não tem sentido partilhar o Pão eucarístico (Doc 43, nº 61).

Além dos acólitos e leitores, inúmeros homens e mulheres assumem na celebração serviços espontâneos, que a tornam mais participada. A Equipe de Pastoral Litúrgica, responsável pela animação da vida e ação litúrgica, deve dar especial atenção as estas Equipes de Celebração, que ajudam o presidente e a assembleia nas celebrações litúrgicas (Doc.43, nº 62).

Assim, a assembleia litúrgica, servida por um conjunto de ministros, manifesta e realiza a “Igreja toda ministerial” e a diaconia que é sua vocação. A presença e a participação dos fiéis através de gestos, palavras, aclamações e posturas corporais tornam visível esplendidamente a Igreja em ação (Doc. 43, nº 63).

### **Liturgia da Palavra**

Deus convoca a assembleia e a ela dirige sua Palavra e a interpela no hoje da história. A liturgia da Palavra compõe-se de leituras tiradas da Sagrada Escritura, salmo responsorial, aclamação ao Evangelho, homilia, profissão de fé e oração universal. “Nas leituras atualizadas pela homilia Deus fala a seu povo, revela o mistério da redenção e da salvação, e oferece alimento espiritual. O Próprio Cristo, por sua palavra, se acha presente no meio dos fiéis. Pelos cantos, o povo se apropria dessas palavras de Deus e

a ela adere pela profissão de fé. Alimentado por essa palavra, reza na oração universal pelas necessidades de toda Igreja e pela salvação do mundo inteiro” (Doc. 52, nº 66).<sup>26</sup>

Faz parte também da Liturgia da Palavra um tempo de meditação – silêncio, repetição, partilha – para buscar em comunidade o que o Senhor pede para acolher a Boa Nova que sua Palavra comunica. Por isso, evite-se a presa que impede o recolhimento. Podem-se guardar momentos de silêncio antes da motivação para a liturgia da Palavra, depois da 1ª e da 2ª leitura e ao concluir a homilia.

A Palavra de Deus a ser proclamada e a dimensão comunitária da celebração requerem dos ministros da Palavra uma adequada preparação Bíblico-Litúrgica e técnica. Por esta razão, leve-se em conta a maneira de ler, a postura corporal, o tom da voz, o modo de se vestir e boa comunicação. Proclamar a Palavra é colocar-se a serviço de Jesus Cristo que fala pessoalmente a seu povo reunido.

### **Salmo Responsorial e Aclamação**

O Salmo Responsorial, Palavra de Deus, é parte integrante da liturgia da Palavra. É resposta orante da assembleia à 1ª leitura. Favorece a meditação da Palavra escutada. Em lugar do refrão do mesmo salmo, podem-se cantar refrões adaptados, de caráter popular. Dar-se á sempre referência a um salmo de lugar do chamado canto de meditação.

O Aleluia, ou, de acordo com o tempo litúrgico, outro canto de aclamação ao Evangelho, é sinal de alegria com a assembleia recebe e saúda o Senhor que vai falar e da disponibilidade para o seguimento da mensagem da Boa Nova proclamada.

---

<sup>26</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Orientações para Celebração da Palavra de Deus*. 25ª edição. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 31-32. (Documentos da CNBB, 52 nº 66)

### **Homilia ou partilha da Palavra de Deus**

A homilia é também parte integrante da Liturgia da Palavra. Ela atualiza a Palavra de Deus, de modo a interpelar a realidade da vida pessoal e comunitária, fazendo perceber o sentido dos acontecimentos, à luz do plano de Deus, tendo como referencial a pessoa, a vida, a missão e o mistério pascal de Jesus Cristo. A explicação viva da Palavra de Deus motiva a assembleia a participar na oração do louvor e na vivência da caridade, buscando realizar a ligação entre a Palavra de Deus e a vida, com mensagem que brota dos textos em conjunto e em harmonia entre si, atingindo a problemática do dia-a-dia da comunidade (Doc. 52, nº 75).

Quando o diácono preside a celebração da Palavra e ele compete a homilia. Na sua ausência, explicação e a partilha comunitária da Palavra de Deus, cabem a quem preside a celebração (Doc. 52, nº 76).

Quando oportuno, convém que a homilia ou a partilha da Palavra desperte a participação ativa da assembleia, por meio do diálogo, aclamações, gestos, refrões apropriados. Segundo as circunstâncias, quem preside com vida os presentes a dar depoimentos, contar fatos da vida, expressar suas reflexões, aplicações concretas da Palavra de Deus, poderá haver troca de ideias em grupos, seguida de uma breve partilha comum e a complementação de quem preside (Doc. 52, nº 77).

Conforme o caso, a dramatização da Palavra, poderá ser excelente complementação da homilia, sobretudo nas comunidades menores e constituídas pelo povo mais simples, que gosta de se expressar com gestos, símbolos e encenações adequadas ao seu universo mental (Doc. 52, nº 78).

### **Profissão de Fé**

O Creio é uma respostada de fé da comunidade à Palavra de Deus. Exprime a unidade da Igreja na mesma fé e sua adesão ao Senhor. Por isso, é significativo recitar ou cantar a profissão de fé nos domingos e nas solenidades. Existem três formas do Creio: O Símbolo dos Apóstolos, O Símbolo Niceno-constantinopolitano e a fórmula com perguntas e respostas como encontramos na Vigília Pascal e na celebração do batismo.



Eventualmente, podem-se usar refrões cantados e adequados para que a comunidade manifeste a sua adesão de fé eclesial. Fé é adesão incondicional feita somente a Deus e não a pessoas, instituições ou movimentos humanos (Doc. 52, nº 79).

### **Orações dos Fiéis – Oração Universal**

A Oração dos Fiéis ou oração universal, em geral, tornou-se um momento bom, variado e de razoável participação nas comunidades, “onde o povo exerce sua função sacerdotal”. Nela, os fiéis pedem a Deus que a salvação proclamada se torne uma realidade para Igreja e para humanidade, suplicam pelos que sofrem e pelas necessidades da própria comunidade, da nação, da Igreja e seus ministros, sem excluir os pedidos de interesse particular das pessoas (Doc. 52, nº 80).

Após a oração dos fiéis pode-se fazer a coleta como expressão de agradecimento a Deus pelos dons recebidos, de corresponsabilidade da manutenção da comunidade e seus servidores e como gesto de partilha dos irmãos necessitados (Doc. 52, nº 81).

### **Momento de Louvor**

Um dos elementos fundamentais da celebração comunitária é o “rito de louvor”, com a qual se bem diz a Deus pela sua imensa glória. A comunidade reconhece a ação salvadora de Deus, realizada por Jesus Cristo e canta seus louvores. “Bendito seja o Deus e Pai de nosso senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda a sorte de bênçãos”. “Ele nos arrancou do poder das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado, no qual temos a redenção – a remissão dos pecados” (Doc. 52, nº 83).

A comunidade sempre tem muitos motivos para agradecer ao Senhor, seja pela vida nova que brota da Ressurreição de Jesus Cristo, como pelos sinais de vida percebidos durante a semana na vida familiar, comunitária e social (Doc. 52, nº 84).

O momento de louvor não deve ter, de modo algum, a forma de celebração eucarística. Não faz parte da celebração comunitária da Palavra a representação das

ofertas de pão e de vinho, a proclamação da oração eucarística própria da missa, o canto do Cordeiro de Deus e a bênção própria dos ministros ordenados. Também nas celebrações da Palavra não se deve substituir o louvor e a ação de graça pela adoração ao Santíssimo Sacramento (Doc. 52, nº 85 e 86).

### **Oração do Senhor – Pai Nosso**

A Oração do Pai – nosso, que nunca deverá faltar na celebração da Palavra, pode ser situada em lugares diferentes conforme o roteiro escolhido para celebração. A oração do Senhor é norma de toda a Oração do Cristo, pede o Reino, o pão e a reconciliação, e expressa o sentido da filiação Divina e da fraternidade. Evite-se sua substituição por canto ou por cantos ou orações parafraseados. O Pai-nosso pode ser cantado por toda a assembleia (Doc. 52, nº 87).

### **Abraço da Paz**

O abraço da paz é expressão de alegria por estar junto aos irmãos e irmãs, é expressão de comunhão fraterna, é importante, portanto, que na celebração haja um momento para esse gesto. Poderá variar o momento conforme o enfoque da celebração que estamos vivendo. Pode ser o início da celebração, após o ato penitencial, após a homilia, onde se realiza normalmente ou no final da celebração (Doc. 52, nº 88).

### **A Comunhão Eucarística**

Nas comunidades onde se distribui a comunhão durante a celebração da Palavra, o Pão Eucarístico pode ser colocado sobre o altar antes do momento da ação de graça e do louvor, como sinal da vinda do Cristo, pão vivo que desceu do céu (Doc. 52, nº 89/90).

Compete ao ministro extraordinário da comunhão distribuir a sagrada comunhão todas as vezes que não houver presbítero ou diácono em número suficiente e que as

necessidades pastorais o exigirem. A comunhão eucarística, de preferência seja distribuída da mesa (do altar).

### **Ritos finais – Compromisso**

Pelos ritos de despedida a assembleia toma consciência de que é enviada a viver e testemunhar Aliança no seu dia-a-dia e nos serviços concretos na edificação do Reino.

Antes de se encerrar a celebração, valorizem-se os avisos e as notícias que dizem respeito à vida da comunidade, da paróquia ou da Diocese. Esses avisos podem ser uma forma de ligação entre o ato litúrgico e os compromissos da semana.

A bênção é um ato de envio para missão e de despedida com a graça de Deus. É de suma importância que todos retornem às suas casas e ao convívio social, comum compromisso, com esperança, com experiência de terem crescido na fraternidade e com a decisão de serem testemunhas do Reino (Doc. 52, nº 92/94).<sup>27</sup>

## **3.6 Os Atores da Celebração da Palavra**

Aqui serão considerados os atores da Celebração da Palavra, isto é, a própria assembleia, seu presidente e os leitores.

---

<sup>27</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Orientações para Celebração da Palavra de Deus*, 2011. p. 44. (Documentos da CNBB, 52 nº 92/94).

## A Palavra Proclamada

A Palavra proclamada na Missa, como dito anteriormente, é o fundamento da Eucaristia, sacramento da nova Aliança.

Portanto, nunca deveria haver celebração da Eucaristia sem verdadeira celebração da Palavra. A comunidade que se contenta simplesmente em ler os textos da Palavra nada mais fez que começar. É preciso, com efeito, que ela acolha a Palavra por meio da sua fé como uma Palavra de Aliança, que ela se comprometa a segui-la como uma resposta de amor, que esteja pronta a responder com a comunidade do Sinai: “Tudo que disse o Senhor, nós o poremos em prática e obedeceremos”. Só então, o padre poderá tomar o “cálice da benção” e dizer com Moisés: “Isto é o sangue da Aliança que o Senhor fez convosco através de todas essas palavras”.<sup>28</sup>

## A Assembleia

Outrora, o povo afirmava que o padre “celebrava” a missa e os fiéis “assistiam” a ela. Não havia nenhuma definição teológica nessa maneira de falar, e ainda menos qualquer animosidade contra o clero. Refletia simplesmente a sensibilidade do povo cristão. Em visão sobre a liturgia era, aliás, bem demonstrada pela disposição de certas Igrejas: o santuário elevado, desmesurado, bem separado, da nave, parecia ser o palco no qual os “atores” faziam suas evoluções: a nave teria sido parte do teatro onde se colocavam os “espectadores”. Quanto ao coro, como em certos teatros, era colocado fora do alcance da visão da assembleia, na tribuna. Essa disposição manifestava bem o específico do ministério sacerdotal. Dava também a medida da distância que separava o povo cristão da sua liturgia, e a liturgia de sua vida. E se levantasse a pergunta: “Quem celebra a liturgia da Palavra?” ter-se-ia respondido: “o padre”. Aliás, ele lia os textos em latim, sem mesmo dirigir-se ao povo.<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> DEISS, Lucien. *A Palavra de Deus Celebrada*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 53.

<sup>29</sup> DEISS, Lucien. *A Palavra de Deus Celebrada*. 1998. p. 120.

O Vaticano II restaurou a antiga teologia bíblica segundo a qual a Igreja inteira é o povo sacerdotal. Embora estruturada de modo orgânico em fiéis tendo seu serviço os ministros, em rebanho e pastor, em leigo de um lado, bispo, padre e diácono de outro, é toda assembleia que é celebrante. Cada fiel desde a criancinha até o bispo concelebra cada um em sua categoria. O Concílio apresenta assim essa teologia da concelebração: As ações litúrgicas são celebrações da Igreja que é o sacramento da unidade [...]. Eis porque pertencem ao corpo inteiro da Igreja, elas o manifestam e elas lhe dizem respeito (SC 26).<sup>30</sup>

Cada batizado pode, portanto ser chamado “celebrante”. O próprio vocabulário dos textos oficiais evoluiu neste ponto. Assim a primeira edição da Instrução Geral do Missal Romano, de 1969, falava do celebrante para designar o padre. A edição seguinte, de 1970, corrigiu, e fala do padre celebrante para significar que todos os fiéis são “celebrantes”.

Essa evidência teológica, que havia sido recoberta pela poeira do século do descuido da liturgia e que o Vaticano II desempoeirou com vigor, permite-nos responder à pergunta: quais são os atores da celebração da Palavra? É celebrante toda comunidade. Um único leitor proclama o texto, mas toda comunidade celebrante o recebe como Palavra de Deus. Um só faz a homilia, mas toda comunidade celebrante atualiza a Palavra de Deus. Um só apresenta a oração universal, mas toda comunidade celebrante intercede.

---

<sup>30</sup> DEISS, Lucien. *A Palavra de Deus Celebrada*. 1998. p. 121.

## **CAPÍTULO IV**

### **DOCUMENTOS DO CELAM**

Neste quarto capítulo falaremos sobre o Magistério da Igreja na América Latina e Caribe, os Documentos do CELAM, onde podemos avaliar o que foi feito pela Igreja e o que deixou de se fazer durante esses anos de tantos encontros nas Conferências Episcopais.

O Magistério na sua condição maior da Igreja está sempre à frente das decisões, trazendo benefícios que une o povo de Deus na falta de comprometimento que impõe o trabalho de evangelização as classes menos favorecidas.

Contudo a Igreja teve um grande ganho, onde o povo de Deus, está em comunhão com a tríplice função profética, sacerdotal e real de Cristo. O leigo está presente nas celebrações da Palavra onde torna realidade o que foi discutido em algumas conferências do Episcopado.

Tendo em vista todas as conferências do Episcopado em prol da Igreja e dos leigos, assim como o diácono permanente na integração ao clero preparado para servir as comunidades de base um trabalho permanente de anúncio da Palavra de Deus.

#### **4.1 Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano no Rio de Janeiro (1955)**

A Conferência, recordando os serviços prestados à Igreja por outras formas auxiliares do clero, como em particular os padres doutrinários e outros similares colaboradores à ação do Sacerdote, recomenda que sejam agrupados em associações adequadas para proporcionar-lhes melhor formação e orientação mais de acordo com as diretrizes do apostolado secular moderno, relacionando-as com a Ação Católica.

Julga que para o maior progresso da colaboração do laicato católico na ação apostólica na América Latina, é de suma importância difundir cada vez mais entre os fiéis o exato conhecimento da posição dos seculares dentro do Corpo místico de Cristo, conscientizando os fiéis, de modo que sejam praticamente persuadidos de que o apostolado, ainda que sendo missão própria do sacerdote, não exclusiva dele, mais que também compete a eles, por seu próprio caráter de cristão, sempre sob a obediência dos Bispos e dos párocos e dentro das formas e ofícios que não são privativos do ministério sacerdotal. Portanto, é necessário que tais princípios sejam oportunamente ensinados e inculcados desde o seminário aos futuros sacerdotes, para que saibam aproveitar, como convém, da preciosa ajuda que lhes pode vir da colaboração dos leigos.

Recorda, finalmente, que o apostolado dos leigos não se deve reduzir unicamente a colaborar com o sacerdote no campo limitado dos atos de piedade, mas que, além de ser esforço contínuo por conservar e defender integralmente a fé católica deve ser apostolado missionário de conquista para a dilatação do reino de Cristo em todos os setores e ambientes, e particularmente ali onde não pode chegar a ação direta do sacerdote.<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> CELAM. *Documentos do Rio de Janeiro*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 45-46.

## **4.2 Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín, Colômbia (1968)**

Conforme o documento de Medellín, na parte que fala sobre a formação do clero, da “América Latina apresentado à sociedade em movimento, para uma transformação rápida e profunda” (exortação de Paulo VI ao CELAM, 24 de novembro de 1965, IV 8). Isto repercute na Igreja e exige dela uma tomada de posição. A Igreja latino-americana deve exprimir seu testemunho e seu serviço neste continente, que enfrenta problemas angustiosos como os de integração, desenvolvimento, profundas modificações e miséria.

Alguns problemas angustiosos apontados na igreja e com o número reduzido de sacerdotes, com estruturas ministeriais insuficientes e às vezes inadequadas para um real trabalho apostólico.<sup>32</sup>

Neste contexto a formação do clero deve ser instrumento fundamental de renovação de nossa Igreja e resposta às urgências religiosas e humanas de nosso continente. “A restauração do diaconato permanente e os problemas particulares suscitados pela existência do sacerdócio nos leva ao estudo da situação atual da formação do clero. Isso vem dando lugar a uma relativa pluralidade de formas na concepção, preparo e realização da ação dos candidatos ao diaconato”.

Ouvindo ao chamado de Deus e a voz da Igreja muitos jovens ingressam à vida sacerdotal nos seminários com grande participação nas responsabilidades nas transformações de hoje, maior desejo de vida comunitária, diálogo e sentido de Igreja como catolicidade; anelo de pobreza e busca de valores evangélicos entre outros que tragam liberdade e autonomia à pessoa humana.

A linguagem falada pela igreja reveste-se de importância particular. Trata-se tanto das formas de ensino simples (catecismo, homilia, etc.) nas comunidades locais, como das formas mais universais da palavra do Magistério. Impõe-se um trabalho permanente, de maneira que seja possível fazer perceber como a mensagem de salvação contida nas Escrituras, na liturgia, no magistério e no testemunho é hoje palavra de vida. Não basta, pois, repetir ou explicar a mensagem. Ao contrário, cumpre reexpressar incessantemente

---

<sup>32</sup> CELAM. *Documentos do Rio de Janeiro*, 2004, p.189-190.



por novas maneiras, o Evangelho em relação com as formas de existência do homem, tendo em conta os meios humanos éticos e culturais e guardando sempre a fidelidade à palavra revelada.

Para que a renovação seja eficaz, necessita-se de um trabalho de reflexão, orientação e avaliação nos diferentes aspectos de catequese. Há que se multiplicar por toda parte os institutos catequéticos, as equipes de trabalho, nos quais pastores, catequistas, teólogos especialistas em ciências humanas dialoguem e trabalhem conjuntamente a partir da experiência, a fim de propor formas novas de palavras e ação de elaborar o material pedagógico correspondente e de verificar e avaliar, em cada caso, sua validade. É mister que essa equipe seja dotada de meios de trabalho adequados e da dispensável liberdade de ação.

Os leigos, como membros da Igreja, participam da tríplice função profética, sacerdotal e real de Cristo, em vista da realização da sua missão eclesial. Todavia, realizam especificamente esta missão no âmbito do temporal, em vista da construção da história, “exercendo funções temporais e ordenando-as segundo Deus” (LG 31).

O que tipifica o papel do leigo é seu compromisso com o mundo, entendido como quadro de solidariedade humana, como trama dos acontecimentos e fatos significativos, em uma palavra, como história.

### **O Modo de Seguir a Missa de uma forma compreensível para o Povo de Deus**

O povo de Deus em sua ansiedade e participação na Missa busca instrumento que facilite na sua compreensão e seguimento no rito.

Uma das ajudas veio de um franciscano, que mostra um esforço aberto pela participação ativa dos fiéis na Missa. O franciscano Frei Henrique G. Trindade, com o livrinho *sigamos a missa!*, publicado em 1938 pela Editora Vozes (Petrópolis) acompanhado de um subtítulo: “*Modo fácil e devoto do acompanhar em comum (também em particular) ao santo sacrifício da Missa segundo o espírito da liturgia*” tem finalidade em ajudar o fiel a “rezar a Missa, como faziam os primeiros cristãos e como é de desejo da Igreja. Procura, também, portanto colaborar com o desejo de Pio X, de uma maneira

simples, acessível e frutuosa, tentando atingir uma maioria que não consegue, por vários motivos”, ter um privilégio de um missal à mão, embora continue em pé o fato de que “o modo melhor... é acompanhar as orações litúrgicas pelo missal”. Trata-se, pois de um livrinho que não é um missal nem mesmo um “Folheto Litúrgico” do estilo do folheto de Dom P. Amstalden (Monge Beneditino), mas de um livrinho-guia que, de modo simples, vai colocando o fiel por dentro do sentido e do dinamismo espiritual da Celebração Eucarística.

Na parte introdutória, Frei Henrique G. Trindade dá algumas orientações de como preparar-se para o Santo Sacrifício (Preparação remota, Estado de graça, Preparação próxima). Então é que vem a parte teologicamente ambígua: como que quer tender a um nivelamento no poder da Ordem. Trata-se de um conselho que o autor dá aos fiéis de rezarem antes da Missa a *declaration intentionis*, que ele reproduz da seguinte forma:

Eu quero concelebrar o santo sacrifício da missa, formando o corpo e o sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, conforme o rito da santa Igreja; para minha utilidade e da Igreja militante; por todos os que se recomendaram em minhas orações em geral e em particular e pela tranquilidade e prosperidade da santa Igreja. Amém.<sup>33</sup>

Diremos que certamente não é intencional da parte do autor querer nivelar Sacerdote e fiéis no poder de consagrar. Intencional é o esforço que se faz para levar os fiéis a uma participação realmente ativa no sacrifício. O *Sigamos a Missa!* Reflete um evidente anseio pastoral do seu autor: “Não devemos somente assistir à missa, mas tomar parte ativa na sua celebração”. E para isso usou de expressões que dão margem a ambiguidades.

Contudo historicamente, reflete que o Movimento Litúrgico no Brasil continuava vivo e crescente, e que o pioneirismo de Frei Henrique G. Trindade vai ao sentido de que este seu livrinho, no estilo que lhe é próprio, tornou-se o mais popular no Brasil, dando a milhares de católicos, muitos dos quais impossibilitados de adquirir um missal, a possibilidade de poder *rezar a missa*.

---

<sup>33</sup> SILVA, José Arioaldo da. *O Movimento Litúrgico no Brasil*. Estudo Histórico, Petrópolis: Vozes, 1983. p. 64–66.

### **4.3 Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Puebla, México (1979)**

A Igreja concebendo como povo, se define como uma realidade no seio da história que caminha para uma meta ainda não alcançada.

Por ser um povo histórico, a natureza da Igreja exige visibilidade em nível de estrutura social. O Povo de Deus considerado como “família” já tinha a conotação de realidade visível, porém num plano eminentemente vital. A acentuação do caráter histórico sublinha a necessidade que a de se exprimir tal realidade como instituição.

Este caráter social institucional na Igreja, através de uma estrutura visível e clara que ordena a vida de seus membros, determina suas funções e relações, seus direitos e deveres.

A Igreja enquanto Povo de Deus reconhece apenas uma autoridade: Cristo. Ele é o pastor que a guia. Toda via os laços que a prendem a ele são muito mais profundos do que os de simples trabalho de direção. Cristo é a autoridade da Igreja no sentido mais profundo da palavra, porque é seu autor.

Os Doze, presididos por Pedro, foram escolhidos por Jesus para participar dessa misteriosa relação que o prende à sua Igreja. Foram constituídos e consagrados por ele como sacramentos vivos de sua presença, para torná-lo presente e visível, como cabeça e pastor, no meio de seu povo. Desta comunhão profunda no mistério é que decorre como consequência o poder de “atar e desatar”. Considerado na sua totalidade, o mistério hierárquico é uma realidade de ordem sacramental, vital e jurídica com a própria Igreja.

Este mistério foi confiado a Pedro e aos outros apóstolos, cujos sucessores são hoje em dia o romano Pontífice e os bispos, a quem se unem como colaboradores os presbíteros e diáconos. Os pastores da Igreja não a guiam apenas em nome do Senhor: exercem também a função de mestre da verdade e presidem sacerdotalmente ao culto divino. O dever de obediência do Povo de Deus aos pastores que conduzem funda-se

menos em considerações jurídicas do que no respeito de quem crê que nele o Senhor tem presença sacramental. Esta é a sua realidade objetiva de fé, independente de toda consideração pessoal.

A falta de ministros, a dispersão populacional e a situação geográfica do Continente fizeram crescer a consciência da utilidade das celebrações da Palavra, e da importância de servir-se dos meios de comunicação social (rádio e televisão) para alcançar a todos.

Qualquer celebração deve ter, por sua vez, projeção evangelizadora e catequética adaptada às diversas assembleias de fiéis, pequenos grupos, crianças, grupos populares etc.

A celebração da Palavra, com uma abundante, variadas e bem escolhidas leituras da Sagrada Escritura, são de muito proveito para comunidade, principalmente onde não há presbíteros e, sobretudo, para realização do culto dominical.

Fomentar as celebrações da Palavra dirigidas por diáconos ou leigos (homens e mulheres).

A liturgia, como ação de Cristo e da Igreja, é o exercício do sacerdócio de Jesus Cristo; é o ápice é a fonte da vida eclesial. É um encontro com Deus e os irmãos; banquete e sacrifício realizado na Eucaristia; festa de comunhão eclesial, na qual o Senhor Jesus, por seu mistério pascal, assume e liberta o Povo de Deus e, por ele, toda a humanidade, cuja história é convertida em história salvífica, para reconciliar os homens entre si e com Deus. A liturgia é força em nosso peregrinar, para que se leve o bom termo, mediante o compromisso transformador da vida, a realização plena do Reino, segundo o plano de Deus.

#### **4.4 Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe em Santo Domingo, República Dominicana (1992)**

Convocados pelo santo Padre João Paulo II para a IV Conferência do Episcopado Latino-Americano e presidido por ele na sua inauguração, se reunimo-nos, em Santo Domingo, representante dos Episcopados da América Latina e Caribe, e colaboradores do Papa na cúria Romana. Participaram também outros bispos convidados de diversas partes do mundo e igualmente sacerdotes, diáconos, religiosos e leigos, além de observadores pertencentes a outras Igrejas cristãs.

A IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano quis traçar as linhas fundamentais de um novo impulso evangelizador, que ponha Cristo no coração e nos lábios na ação e na vida de todos os latino-americanos. É esta a nossa tarefa: fazer com que a verdade sobre Cristo, a Igreja e o homem penetre mais profundamente em todas as camadas da sociedade, em busca de sua progressiva transformação. A NOVA EVANGELIZAÇÃO foi a preocupação do nosso trabalho.

A reunião esteve em estreita relação e continuidade com as anteriores da mesma natureza: a primeira celebrada no Rio de Janeiro, em 1955; a segunda em Medellín, em 1968; e a terceira em Puebla, em 1979. Foram assumidas plenamente as opções que assinalaram aqueles encontros e encarnaram as suas conclusões mais substanciais.

Estes eventos constituem valiosa experiência eclesial, da qual provém rico ensinamento episcopal, útil às Igrejas e à sociedade do nosso Continente. A estas orientações junta-se agora o compromisso evangelizador, que emerge da presente reunião, e que foi oferecido com humildade e alegria aos nossos povos.

A Igreja santa encontra o sentido último de sua convocação na vida de oração, louvor e ação de graça que o céu e a terra dirigem a Deus por “suas obras grandes e maravilhosas” (Ap 15,3s; 7,9-17). Esta é a razão pela qual a liturgia “é o cume ao qual tende a atividade da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte de onde emana a sua força” (SC 10). A liturgia é a ação do Cristo total, Cabeça e membros, e, como tal, deve expressar o sentido mais profundo de sua oblação ao Pai pelos homens. Assim como a celebração da última Ceia está essencialmente unida à vida e ao sacrifício de Cristo na Cruz e o faz cotidianamente presente para a salvação de todos os homens, assim também,

os que louvam a Deus reunidos em torno do Cordeiro, são os que mostram em suas vidas os sinais testemunhais da entrega de Jesus (Ap 7,13s). Por isso, o culto cristão deve expressar a dupla vertente da obediência ao Pai (glorificação) e da caridade com os Irmãos (redenção), pois a glória de Deus é que o homem viva. Com o qual longe de alienar aos homens, os liberta e os faz irmãos.

#### **4.5 Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe em Aparecida (2007)**

“Em continuidade com as Conferências Gerais anteriores do Episcopado Latino-americano, este documento faz uso do método “ver, julgar e agir”. Este método implica em contemplar a Deus com os olhos da fé através de sua Palavra revelada e o contato vivificador dos Sacramentos, a fim de que, na vida cotidiana, vejamos a realidade que nos circunda à luz de sua providência e o julgemos segundo Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida, e atuemos a partir da Igreja, Corpo Místico de Cristo e Sacramento universal de salvação, na propagação de Reino de Deus, que se semeia nesta terra que frutifica plenamente no Céu”.

#### **A realidade que nos desafia como discípulos e missionários**

“Os povos da América Latina e do Caribe vivem hoje uma realidade marcada por grandes mudanças que afetam profundamente suas vidas”. Como discípulo de Jesus Cristo, sentimo-nos desafiados a discernir os “sinais dos tempos”, à luz do Espírito Santo, para nos colocar a serviço do Reino, anunciado por Jesus, que veio para que todos tenham vida e “para que tenham em plenitude (Jo 10,10)”.

O Povo de Deus sente a necessidade de presbíteros discípulos: que tenham profunda experiência de Deus, configurados com o coração do Bom Pastor, dóceis às orientações do Espírito, que se nutram da Palavra de Deus, da Eucaristia e da oração; de

presbíteros missionários: movidos pela caridade pastoral que os leve a cuidar do rebanho e eles confiados e a procurar os mais distantes, pregando a Palavra de Deus, sempre em profunda comunhão com o seu Bispo, com os presbíteros, diáconos, religiosos, religiosas e leigos; de presbíteros servidores da vida; que estejam atentos às necessidades dos mais pobres, comprometidos na defesa dos direitos dos mais fracos, e promotores da cultura da solidariedade. Também de presbíteros cheios de misericórdia, disponíveis para administrar o sacramento da reconciliação.

### **Os diáconos permanentes, discípulos missionários de Jesus Servidor**

Alguns discípulos e missionários do Senhor são chamados a servir à Igreja como diáconos permanentes, fortalecidos, em sua maioria, pela dupla sacramentalidade do Matrimônio e da Ordem. São ordenados para o serviço da Palavra, da caridade e da liturgia, especialmente para os sacramentos do Batismo e do Matrimônio; também para acompanhar a formação de novas comunidades eclesiais, especialmente nas fronteiras geográficas e culturais, onde ordinariamente não chega a ação evangelizadora da Igreja.

### **Os fiéis, leigos e leigas, discípulos e missionários de Jesus, Luz do Mundo**

Os fiéis leigos são “os cristãos que estão incorporados a Cristo pelo batismo, que formam o povo de Deus e participam das funções de Cristo: sacerdote, profeta e rei. Realizam, segundo suas condições, a missão de todo o povo cristão na Igreja e no mundo”. São “homens da Igreja no coração do mundo, e homens do mundo no coração da Igreja”.<sup>34</sup>

Conversa entre a Inez Marisa secretária da Região Lapa e Sr. Edson Presidente do Conselho de Leigos de São Paulo:

A participação dos leigos como ministros da celebração da Palavra ganhou força e visibilidade após 1972, depois do Plano de

---

<sup>34</sup> DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe*. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus, Paulinas, 2012. p.19, 98, 100 e101.

Pastoral de Conjunto da Arquidiocese que já tinha como cardeal Dom Paulo Evaristo Arns; neste mesmo período a vida celebrativa nas CEBs já estava bem intensificada e os leigos foram se preparando para assumir estas funções nas comunidades eclesiais; que com o passar do tempo, lá pelos anos 80, o mesmo foi ocorrendo em Paróquias;

Então o início do reconhecimento do ministério leigo na celebração da Palavra se dá pós a Conferência de Medellín, com o fortalecimento das CEBs e o primeiro plano de pastoral de conjunto da Arquidiocese nos anos 70.



## **ANEXO: BREVÍSSIMA APRESENTAÇÃO DO MINISTRO DA PALAVRA NA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO**

### **Ação Pastoral de Dom Paulo Evaristo Arns**

De 1966 a 1970, já como bispo, começou no bairro de Santana, São Paulo, um trabalho orgânico e integrado com padres, religiosos e leigos, preocupado com a formação permanente do clero e do povo. Criou a "Missão do Povo de Deus", passando um tempo em cada paróquia da região com uma equipe para multiplicar os ensinamentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Dessa missão, surgiram Ministros da Palavra que levaram a "Semana da Palavra", em 08 etapas, para as ruas da arquidiocese, evangelizando a cidade, formando comunidades eclesiais de base (CEBs) e multiplicando grupos de rua.<sup>35</sup>

### **Minha Experiência Pessoal junto a Arquidiocese de São Paulo – Região Lapa**

Há muitos anos tenho participado ativamente junto à igreja, primeiramente em grupos de jovens, posteriormente encontro de casais, além das missas. E em meados do ano 2000 iniciei os meus trabalhos na pastoral da Catequese na Paróquia São Mateus onde o pároco era o Pe. João Carlos Borges. Nessa pastoral tive a oportunidade gratificante de trabalhar a iniciação cristã de muitas crianças. Durante esses trabalhos fui convidado pelo Pe. João Carlos Borges para fazer parte do ministério da Sagrada Comunhão e, posteriormente, do ministério da Palavra. Para isso frequentei cursos de preparação e fui aprovado pelo Conselho Paroquial. Assim, no ano de 2002, recebi a carteirinha de ministro assinada pelo pároco e pelo bispo da época, Dom Mamede.

---

<sup>35</sup> Brado retumbante. Iniciativa Instituto de Cultura Democrática. Disponível em: <<http://www.bradoretumbante.org.br/personagens/paulo-evaristo-arns/a-acao-de-dom-paulo>>. Acesso em: 08 de agosto de 2014.

Tanto como catequista quanto ministro da Palavra, nos encontros com as crianças e com seus pais ou em uma celebração da Palavra com a comunidade descobri a beleza e a responsabilidade de ser evangelizador e anunciador dessa Palavra, a qual contém todo Mistério de nossa fé, que promove a comunhão das pessoas em torno de Cristo.

Particpei por muitos anos da Paróquia São Mateus onde os párocos eram Pe João Carlos Borges seguido pelo Pe Vítorio. Hoje continuo meu caminho de evangelizador na Paróquia São Patrício, novamente com o Pe João Carlos Borges, Arquidiocese de São Paulo, Região Lapa.

Diante da convivência junto aos párocos com quem trabalhei, aprendi o que hoje sei sobre liturgia, como fazer uma celebração da Palavra e uma reflexão que todos possam entender a mensagem passada de acordo com o Evangelho do dia. Contudo, sempre me preocupei com a qualidade de nossas celebrações. Como leitor e como Ministro da Palavra, buscava sempre me preparar bem para que, por meio de meu serviço à comunidade, pudesse levar à comunidade a se aproximar mais do Cristo e celebrar cada vez melhor para que todos entendessem a mensagem que foi passada.

E, ao longo desses anos, como aluno da Faculdade de Teologia da PUC SP, tive oportunidade, nos estudos teológicos e nas aulas de Liturgia, de me aproximar mais e melhor do sentido e função da liturgia, aprofundando os ritos e conteúdos das celebrações. Colocando-me assim, a serviço da Igreja e do Evangelho de Jesus Cristo, onde a semente que recebi dever-se-á, com a graça de Deus, fazer germinar em meu coração até que um dia Deus me permita, e anunciar esta mesma Palavra a todo Povo de Deus.

## CONCLUSÃO

Podemos concluir essa pesquisa dizendo que, fomos alimentados pela fé e o conhecimento da história do Antigo Testamento e do Novo Testamento na qual mostra o povo de Deus, na caminhada por uma libertação e a construção de uma comunidade onde o centro é Deus.

Seguindo os ensinamentos deixados por Cristo e os mandamentos da lei de Deus, onde tivemos conhecimento pela história e pela orientação da Igreja, somos guiados pela luz do Novo Testamento onde somos evangelizadores de um povo que clama pela Palavra de Deus deixada nos escritos da Sagrada Escritura.

Conhecendo alguns documentos da Igreja que nos mostra a importância da celebração da Palavra como fonte de comunhão, despertou em mim como cristão batizado a certeza de estar junto à Arquidiocese de São Paulo no resgate dos excluídos de uma sociedade que não segue a Lei de Deus. Assim posso compartilhar o que aprendi durante a graduação em teologia.

A Arquidiocese de São Paulo através de seu trabalho pastoral, conta com a nossa ajuda na missão de Evangelizar e fazer cumprir a vontade de Deus e de ver seus filhos alimentados na fé e com o compromisso de levar o Evangelho a todos os povos. Com isso vejo a participação dos leigos como ministros da celebração da palavra ganhando força para o Ministério da Palavra de Deus.

Hoje tomando conhecimento de alguns desses documentos que tive oportunidade de ler, durante a nossa pesquisa vejo o ministério dos leigos fortalecido em nossa Igreja, através dos documentos do CELAM, da CNBB e dos Planos de Pastoral da Arquidiocese de São Paulo. Todo esse conteúdo nos enriqueceu e nos trouxe uma luz do Novo Testamento onde os cristãos leigos estão unidos em uma grande comunidade

participativa como povo de Deus missionário e evangelizadores, assumindo juntos à hierarquia do ser Igreja transformando em realidade o que nos cerca, promovendo o Reino de Deus aqui e agora, na certeza que todos seremos alimentados pela Palavra de Deus.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Antonio José de. *Teologia dos Ministérios não ordenados na América Latina*. São Paulo: Loyola, 1989.
- ALMEIDA, José Carlos, MANZINI, Rosana e MAÇANEIRO, Marcial (orgs.). *As janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo*. Aparecida, Santuário, 2013.
- BECKHÄUSER, Alberto. *Sacrosanctum Concilium: Texto e comentário*. 1ª edição. São Paulo: Paulinas, 2012.
- BEOZZO, José Oscar. *Igreja do Brasil. De João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BÍBLIA de Jerusalém. 5ª edição. São Paulo: Paulus, 2008.
- BUYST, Ione. *A missa: Memória de Jesus no coração da vida*. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BUYST, Ione. *A Palavra de Deus na liturgia*. 7ª edição. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BUYST, Ione. *Equipe de Liturgia*. 14ª edição. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CIC). Edição Típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.
- CELAM. *Documentos do Rio de Janeiro*. São Paulo: Paulus, 2004.

CELAM. *Manual de Liturgia, volume IV: a celebração do mistério pascal: outras expressões celebrativas do mistério Pascal e a liturgia da vida da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2007.

CELAM. *Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo/ Conselho Episcopal Latino-Americano*. São Paulo: Paulus, 2004.

COMPÊNDIO VATICANO II 1965. 29ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Missão e Ministério dos cristãos leigos e leigas*. São Paulo: Paulinas, 2000. (Documentos da CNBB 62).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Animação da vida litúrgica no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2006. (Documento da CNBB 43).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS NO BRASIL. *Guia Litúrgico-Pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Orientação para celebração da Palavra de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2011. (Documento da CNBB 52)

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2014.

CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II. *Constituição SACROSANCTUM CONCILIUM sobre a sagrada liturgia*. 11ª edição. São Paulo: Paulinas, 2012.

COSTA, Geral Lourenço (org.). *Documentos De Gregório XVI e De Pio IX (1831 – 1878) / Gregório XVI, Pio IX*. São Paulo: Paulus, 1999.

COSTA, Valeriano Santos. *Celebrar a Eucaristia. Tempo de restaurar a vida*. 2ª edição. São Paulo: Paulinas, 2008.

DEISS, Lucien. *A Palavra de Deus Celebrada. Teologia da Celebração da Palavra de Deus*. Petrópolis: Vozes, 1998.

DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições de fé e moral*. São Paulo: Paulinas, Edições Loyola, 2007.

DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe*. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus, Paulinas, 2012.

GELINEAU, Joseph. *Em vossas Assembleias: 1 – Teologia da Missa, Sentido e prática da celebração litúrgica*. 2ª edição. São Paulo: Paulinas, 1975.

GELINEAU, Joseph. *Em vossas Assembleias: 2 – Pastoral dos sacramentos, Sentido e prática da celebração litúrgica*. 2ª edição. São Paulo: Paulinas, 1974.

INSTRUÇÃO GERAL DO MISSAL ROMANO E INTRODUÇÃO AO LECIONÁRIO. 3ª edição. Brasília: CNBB, 2011.

MAGRASSI, Mariano. *Viver A Palavra*. São Paulo: Paulinas, 1984.

PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica, Lumen Fidei*. 1ª edição, São Paulo: Paulinas, 2013.

PAPA JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica "DIES DOMINI" ao Episcopado, ao Clero e aos fiéis da Igreja Católica sobre a santificação do domingo*. São Paulo: Paulinas, 1998.

PAPA BENTO XVI. *Verbum Domini, Exortação Apostólica Pós-Sinodal*. 6ª edição. São Paulo: Paulinas, 2011.

QUIRINO, Pe. Ademilson Tadeu. *Palavra Pão da Vida; Teologia e história da Mesa da Palavra*. Uberlândia, MG: Editora A Partilha, 2007.

RATZINGER, Joseph: *Introdução ao espírito da liturgia*; 1ª Edição, São Paulo: Loyola, 2013.

SARTORE Domenico e TRIACCA, Achille M. (Org.). *Dicionário de Liturgia*. Tradução Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1992.

SCHIRATO, Sergio José. *Santificados Pela Palavra, Liturgia e Catequese*. São Paulo: Paulinas, 1970.

SILVA, José Arioaldo da. *O Movimento Litúrgico no Brasil*. Estudo Histórico, Petrópolis: Vozes, 1983.

VIDIGAL, José Raimundo. *Os Sacramentos: teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1989. (Anámnesis 4).

Brado retumbante. Iniciativa Instituto de Cultura Democrática. Disponível em: <<http://www.bradoretumbante.org.br/personagens/paulo-evaristo-arns/a-acao-de-dom-paulo>>. Acesso em: 08 de agosto de 2014.